

A POLÍTICA DE *DEMOKRATIZATSIYA* SEGUNDO MIKHAIL GORBACHEV: 1985-91

THE POLITICS OF *DEMOKRATIZATSIYA* ACCORDING TO MIKHAIL GORBACHEV: 1985-91

Gelise Cristine Ponce Martins¹
Moisés Wagner Francisco²

Resumo: A *Demokratizatsiya* é um dos slogans mais esquecidos da campanha de reformas do líder soviético Mikhail Gorbachev. No próprio período entre 1985 e 1991 não recebeu a mesma atenção que a *perestroika* ou a *glasnost*. A historiografia se dividiu quanto as intenções e o programa de Gorbachev: a democratização seria apenas uma frase de relações públicas, isenta de significado real ou faria parte de seu complexo programa de transformação do gigante soviético. Os discursos de Gorbachev permitem apreender como seu projeto de participação popular se desenvolveu com o tempo e os limites que tencionava impor.

Palavras-chave: Demokratizatsiya; União Soviética; Mikhail Gorbachev.

Abstract: The *Demokratizatsiya* is one of the most overlooked of the slogans of the Soviet leader Mikhail Gorbachev's reform campaign. In the very period between 1985 and 1991 did not receive the same attention as *perestroika* and *glasnost*. Historiography split as the intentions and the program Gorbachev: the democratization would be only one sentence in public relations, free real meaning or would be part of its complex transformation program of the Soviet giant. Gorbachev's speeches allow your project to learn how popular participation has developed over time and limits intended to impose.

Key words: Demokratizatsiya; Soviet Union; Mikhail Gorbachev.

Introdução

Existe certa confusão entre os termos “*glasnost*” (transparência ou abertura) e “*demokratizatsiya*” (democratização), como se a primeira englobasse a última e esta não existisse como um programa de reformas à parte dos demais elaborados pelo novo secretário-geral do PCUS – Partido Comunistas da União Soviética. Isto ocorre devido à maior publicidade do primeiro³ e as origens mais recentes do segundo, e, no caso específico do Brasil, o público estava acostumado ao termo abertura tanto com significado referente à circulação de informação e do abrandamento ou suspensão da censura, quanto ao de liberalização política. Além do mais, ambos os termos estão interligados⁴. Não poderia existir

¹ Mestre e doutoranda em História pela Universidade Estadual de Maringá. E-mail: gelise.ponce@yahoo.com.br.

² Mestre em História pela Universidade Estadual de Maringá e doutorando em História pela Universidade Federal do Paraná. E-mail: mw.francisco@hotmail.com.

³ Seu projeto para a *glasnost* recebeu um livro próprio em 1987, enquanto o processo de democratização, apesar de mencionado em seus primeiros documentos de 1985, foi descrito com detalhes apenas no volume V de “A proposta”, pouco antes de iniciar-se sua campanha pelas eleições para o novo Legislativo da URSS.

⁴ HOUGH, Jerry F. *Democratization and revolution in the USSR, 1985-1991*. Washington: The Brookings Institution, 1997.

democracia sem liberdade de informação⁵. O próprio Gorbachev comentou o necessário entrelaçamento da *glasnost* com a *demokratizatsiya*⁶.

Porém, como os demais slogans e programas da nova liderança do Kremlin (como “*uskorenie*”⁷, *perestroika*, *glasnost*, novo pensamento nas relações externas), a democratização da União Soviética também passou por mudanças graduais e uma ampliação de horizontes⁸ – ou sua aproximação com o sentido ocidental da palavra e com os modelos dos países capitalistas desenvolvidos.

Ao longo do tempo, ao enfrentar velhos e novos obstáculos e recorrer aos seus assessores sempre trocáveis, o secretário-geral substituiu vários termos consagrados pelo regime por novos, presentes na terminologia liberal, expressando ideias semelhantes ou completamente diferentes daquelas iniciais. É o caso, por exemplo, da troca de “relações dinheiro-mercadoria” por “mercado”, e por fim, “livre mercado”⁹. *Demokratizatsiya*, apesar de não ter sido abandonado, absorveu significados imensamente mais amplos do que os iniciais. Sequer era uma bandeira original. Krushev já o havia utilizado para a desestalinização. Portanto, mais do que surpresa, seus correligionários do Partido poderiam sentir não uma condução política completamente inédita (e perigosa para si mesmos ou para seu projeto de Estado) na história do país, mas sim uma retomada de algumas metas reformistas pós-stalinistas.

Captar a alteração no sentido e nas propostas para a *demokratizatsiya* nos escritos de Mikhail Gorbachev entre 1985 e 1991, período em que esteve à frente do governo da URSS, são o objetivo do presente artigo. Utiliza-se, para tanto, uma revisão bibliográfica de seus discursos, entrevistas e decretos publicados em língua portuguesa durante os anos estipulados. Para a análise do discurso do secretário-geral, foram empregados os métodos apresentados por Maingueneau¹⁰, Cardoso e Vainfas¹¹, bem como Chomsky¹². Todos os autores percebem a importância das condições sociais e dos interesses dos agentes envolvidos

⁵ BLACKBURN, Robin (org.) *Depois da queda: o fracasso do comunismo e o futuro do socialismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p.21-35; GALEOTTI, Mark. *Gorbachev and his Revolution*. New York: St. Martin's Press, 1997, p.87; BROWN, Archie. *The rise and fall of Communism*. Londres: HarperCollins Publishers Ltd., 2010, p.485; SEGRILLO, Angelo. *O declínio da URSS: um estudo das causas*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

⁶ GORBACHEV, Mikhail. *A proposta*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1988c.

⁷ FERREIRA, Oliveiros S. *Perestroika: da esperança à “nova pobreza”*. São Paulo: Ed. Inconfidentes, 1990.

⁸ BRESLAUER, George W. *Gorbachev and Yeltsin as Leaders*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p.129.

⁹ BROWN, Archie. *The Gorbachev Factor*. New York: Oxford University Press, 1996; POMERANZ, Lenina (org.). *Perestroika: desafios da transformação social na URSS*. São Paulo: EdUSP, 1990.

¹⁰ MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Unicamp, 1997.

¹¹ CARDOSO, Ciro Flamaron, VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Os domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

¹² CHOMSKY, Noam. *Novas e velhas ordens mundiais*. São Paulo: Scritta, 1996.

para a constituição de seus escritos, a existência de um locutor, topografia (de onde se diz) e cronografia (em que momento ou conjuntura se diz) e o destinatário. A inexorável marcha do pensamento do premier em direção à condenação das democracias populares do socialismo realmente existente e a adoção do projeto da democracia liberal – ou, mais precisamente, de suas versões com um chefe de Estado forte ou mesmo uma perspectiva nova atrelada ao passado russo – tornam-se evidentes com a distribuição cronológica de seus discursos.

Um regime totalitário pode se democratizar?

Uma ideia recorrente em muitos dos que aceitavam o conceito de totalitarismo (no caso dos que o aceitam ainda hoje essa característica de seu modelo interpretativo foi apagada ou desconsiderada) era a de que um regime totalitário uma vez estabelecido não poderia ser derrubado ou transformado internamente. O exemplo dos regimes fascistas que só caíram ante a invasão externa e as forças de inércia interna, essenciais ao modelo, garantiriam essa premissa. O que tornava sumamente importante uma política de cordão sanitário, isolamento ou de combate à expansão do comunismo¹³. Uma vez que poderia ser derrotado apenas por ação vinda de fora. Tais autores compunham assim o leitmotiv militarista das potências ocidentais para a Guerra Fria. Com a chegada de um secretário-geral, que deveria ser o maior defensor do sistema totalitário, mas que falava em *demokratizatsiya*, os especialistas adeptos do totalitarismo ficaram em uma situação delicada. Ante a aparente contradição e desmitificação do modelo (que deveria ter-lhes permitido antecipar movimentos políticos da liderança soviética), gerou-se a suposição de que Gorbachev não era um reformador sério, mas apenas “cosmético” ou com um estilo novo, contudo essencialmente igual às lideranças anteriores. Mas novamente os soviólogos do totalitarismo pareciam

¹³ O sistema totalitário consistiria ainda de uma estrutura de poder rigidamente piramidal, no qual a ação política possui apenas uma direção, de cima para baixo, controlando cada aspecto da vida do país; a base da pirâmide, abaixo do líder totalitário e da burocracia que concretizava cegamente suas ordens, era formada por indivíduos atomizados, incapazes de qualquer organização independente, em vista da ação da propaganda e do terror de Estado onipresentes; caracterizaria-se, ainda, de um sistema tremendamente voluntarista, no qual a sociedade é fruto da vontade e das ações de engenharia social emanadas de seu solitário déspota. ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989; KENNAN, George. *A Rússia e o Ocidente*. Rio de Janeiro: Forense, 1966; BRZEZINSKI, Zbigniew. *Ideologia e poder na política soviética*. Rio de Janeiro: GRD, 1963. Cabe ressaltar que os adeptos do totalitarismo, após a queda de Gorbachev, passaram a atribuir a adoção das reformas exatamente pela pressão externa, diplomática, militar e econômica, tornando o presidente americano Ronald Reagan o vencedor da Guerra Fria. Como mostra Brown (BROWN, Archie. *The Gorbachev Factor*. New York: Oxford University Press, 1996) e Medvedev (MEDVEDEV, Zhores. *Gorbachev*. José Olympio Editora: Rio de Janeiro, 1987), nada poderia estar mais longe da verdade. A eleição do novo líder não foi nada consensual. Existiam candidatas conservadores que dificilmente teriam levado à URSS ao abandono de várias de suas posições de força mundo afora. Foi necessário uma sucessão de condições imediatamente após a morte de Chernenko e durante a eleição no Politburo para que Gorbachev os derrotasse.

cometer equívocos inadmissíveis em suas análises. Lewin¹⁴, ao estudar o “fenômeno Gorbachev”, que apanhou o mundo de surpresa, afirma que tais analistas não apreenderam as verdadeiras estruturas do funcionamento do sistema soviético, e sim imputaram um conceito de muita validade política para o trato dos regimes fascistas durante a Segunda Guerra a um objeto diverso, a começar pela sociedade:

A desestalinização de Krushev se frustrou, mas não houve uma restalinização. As reformas econômicas de Krushev fracassaram, mas puseram em andamento experiências no campo econômico, criaram um conceito inegável de “mercado socialista” e uma ciência econômica forte [...] e especialistas prontos para mudar de posição se as circunstâncias o permitissem [...]. Surgiram no campo ideológico novas orientações, que começaram a se manifestar entre diferentes públicos, inclusive os círculos oficiais.

Os soviétólogos não estavam preparados para Gorbachev [...]. No campo de estudos da soviétologia, o conceito predominante e firmemente arraigado é o do “totalitarismo” – que leva a pensar num governo terrorista, buscando o controle total da população por meio de doutrinação maciça, força policial, lavagem cerebral ideológica, monopólio das fontes de informação, exercício de poder e controle direto da economia. Segundo este modelo, o Estado orienta seus poderes no sentido de impedir toda a autonomia de organização e expressão, cultural e de qualquer outro tipo, exceto quando autorizada.

O termo, embora cumpra bastante bem sua função ideológica, era inútil quanto categoria conceptual. Pouco dizia acerca da origem do sistema, de seus objetivos, do tipo de mudanças que sofria – caso sofresse alguma – e do que seria a forma crítica e séria de estudá-lo [...]. Neste contexto, de fato, o próprio termo era “totalitário” em sua autossuficiência vazia; não reconhecia qualquer mecanismo de mudança na União Soviética e em nada contribuía para qualquer processo histórico.

Em suma, o modo de o Ocidente perceber a União Soviética ficava seriamente cerceado por um esquema cognitivo que impedia os analistas de verem o mundo com realismo¹⁵.

Os instrumentos teóricos oferecidos pelos adeptos do conceito de totalitarismo mostraram-se completamente falhos. É mais fácil atribuir-se a abertura democrática na URSS como uma faceta dos processos que se espalhavam lentamente entre algumas ditaduras do Terceiro Mundo – e em especial na Península Ibérica e Grécia – do que a esclerosada dinâmica totalitária. Outra tentativa, diante da falha em prever ou mesmo perceber a ascensão de um reformista ao poder, foi lançar o peso das estruturas sobre a ação do indivíduo isolado: Gorbachev pedalava uma “bicicleta que não saía do lugar”, apesar de continuamente aumentar seu ritmo. Suas reformas não saíam do lugar e nem poderiam sair. O fracasso de seu programa foi um alívio para os defensores do modelo totalitarista de análise, que não só ganhou uma

¹⁴ LEWIN, Moshe. *O século soviético*. Rio de Janeiro: Record, 2007; LEWIN, Moshe. *O fenômeno Gorbachev*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

¹⁵ LEWIN, Moshe. *O fenômeno Gorbachev*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988 p.19-20.

sobrevida como se fortaleceu posteriormente, sobre as outras correntes que procuravam ver um mundo soviético mais intrincado, variado e diferente do que era pintado nos ambientes políticos do Ocidente.

Origens da *Demokratizatsiya*

A noção de democratização do sistema soviético foi a última das características da reforma tanto a aparecer como a tomar sua definição ampla e final. Causou total espanto e estranheza o uso de tal vocábulo pela liderança, já no ano de 1986¹⁶. Democratizar a sociedade soviética era reconhecer que o tipo de democracia existente nos países socialistas, a Democracia Popular, declarada por tantas décadas como superior e mais desenvolvida que o sistema político do liberalismo burguês ocidental, não era de fato democracia. Mais assombroso ainda foi o uso dessa ideia como vitrine para as mudanças na URSS durante as entrevistas coletivas para a mídia internacional na reunião de cúpula de Reykjavík, em outubro de 1986, para o desarmamento nuclear. Era parte de uma declaração feita para correr o mundo e não ficar restrita a gabinetes. Sem dúvida causava uma promoção do novo líder soviético diante da opinião pública internacional, mas o custo era a dessacralização do próprio sistema político no qual se sustentava. Outras declarações de autoridades do círculo gorbachevista também provocaram comoção. No encontro, Samuel Zivs, da Associação dos Juristas da União Soviética, respondeu a uma pergunta sobre os presos políticos em seu país. “Na União Soviética não fazemos distinção entre presos políticos e criminosos comuns”¹⁷. A resposta-padrão era a de que não existiriam presos políticos, e sim que todos eram criminosos. Zivs teria cometido uma gafe ou estaria admitindo publicamente a existência de prisioneiros de opinião?

O termo logo foi amenizado com o retorno aos contornos esboçados em 1985, do “aprofundamento e aperfeiçoamento da democracia socialista”, ou do novo slogan de “mais democracia e mais socialismo” de 1987-88, mas que acabou transformando-se simplesmente em democratização e normalização políticas ao estilo da onda que atingia várias regiões do Terceiro Mundo (América Latina, África do Sul ou Filipinas) ou da periferia da Europa capitalista (Espanha e Grécia) que estavam em meio a uma transição de governos autoritários e ditatoriais para o liberalismo político. As democracias populares¹⁸ acabaram no

¹⁶ GORBACHEV, Mikhail. *A URSS rumo ao século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Revan, 1986a.

¹⁷ Veja, 22/10/1986 nº 946, p.70.

¹⁸ O sistema legal e político nos países socialistas poderia ser dividido, até as reformas dos anos 80 e 90, em duas fazes: a da ditadura do proletariado e a das democracias populares. Diferenças essenciais podem ser percebidas, tendo como divisor os anos 50: a liderança política tornou-se coletiva, a lei atingia escalões mais altos que no

mesmo saco que os regimes de Botha ou Baby Doc, como parte de um mundo que havia passado. A grande diferença, não reconhecida, é que os mesmos setores que defendiam a adoção do liberalismo econômico o queriam junto com a ordem e disciplina impostas por um regime como o de Pinochet, em que os diferentes setores sociais fossem conduzidos a seus devidos lugares e a redistribuição da propriedade estatal se desse sem oposição¹⁹. Postura que o próprio Gorbachev almejou durante a curta fase autoritária (ou com pretensões ao exercício da autoridade) da *perestroika*, no fim de 1990 e início de 1991.

Se até 1988 as reformas não atingiram diretamente o sistema político e tinham as características de uma abertura e, depois, de uma liberalização, como ocorridos em outras regiões do bloco soviético em diferentes momentos, a partir do reconhecimento das candidaturas múltiplas não compostas ou coordenadas pelo Partido e das eleições de 1989 para o Soviet Supremo, tomavam o aspecto de uma democratização prática e objetiva dentro de balizes já consagradas do sistema. Entretanto, com a maior separação entre Partido e Estado e o reconhecimento do multipartidarismo e de sua competição em eleições, em 1990, o que se configurava era o abandono completo do sistema anterior.

A *demokratizatsiya* inicialmente havia sido prevista como o último dos passos do ambicioso plano de reformas. Apenas quando a reconversão da economia estivesse proporcionando um abastecimento eficiente e um humor popular mais previsível e controlável é que se passaria a um estágio mais difícil, irregular e imprevisível. Entretanto, as resistências seguidas do Partido, como a ação contrária à aprovação dos relatórios do XXVII Congresso ou a reforma política de janeiro de 1987 (que seria repetida de maneira ainda mais desafiadora em 1988 com a votação dessa reforma) e a demora na obtenção dos resultados econômicos, bem como o abandono dos planos de produção de maquinário e de aceleração do desenvolvimento tecnológico, ou “*uskorenie*”, fizeram com que Gorbachev invertesse completamente seus planos. Passou a conceber a *demokratizatsiya* como a arma para derrotar seu próprio partido e o como o principal veículo da reforma. A democratização e a *glasnost* levariam o país à resolução de seus problemas econômicos rapidamente. Ao contrário da China, as reformas não necessitariam de tantos anos, não precisariam ser feitas em estágios e

passado, o sistema de eleições concorridas com a existência de uma única frente multipartidária (às vezes com a participação de partidos em tese capitalistas, como o Partido Liberal da República Democrática Alemã) comandada por um partido comunista, operário ou trabalhista mais ligado a Moscou, no Leste, ou a existência não reconhecida oficialmente, porém muito forte e tolerada tacitamente, de facções políticas dentro do partido único, como o PCUS, na URSS. CHILDS, David. *Germany in the Twentieth Century*. Londres: Routledge, 2014, p.142; BROWN, Archie. *The rise and fall of Communism*. Londres: HarperCollins Publishers Ltd., 2010, p.415.

¹⁹ KAGARLITSKY, Boris. *A desintegração do monólito*. São Paulo: Editora UNESP, 1993.

as prateleiras poderiam ser preenchidas ao mesmo tempo em que o povo pudesse tomar voz na condução política e ter liberdade plena – ou ao menos dentro do mesmo estilo ocidental.

O Partido e o Estado

Muito se fala sobre a fusão entre partido e Estado nos regimes socialistas, e, em geral, os analistas atribuem ao partido o controle absoluto sobre o Estado. Não é o que pensa Lewin²⁰. Para ele o Estado acabou por absorver o partido, e não o contrário. As reclamações de Gorbachev em seus livros e discursos apontam para uma concepção parecida, ao menos enquanto este dependia do partido, como secretário-geral, e ainda não tinha posições de poder lastreadas em funções do Estado, como o cargo de presidente da URSS, só obtido em 1989. Queixava-se que as ordens emanadas do centro não eram obedecidas e feitas obedecer pelos estratos intermediários do partido²¹. Essa tendência centrífuga de enfraquecimento e desagregação do poder central em benefício dos escalões subalternos do aparato era causada não tanto pelos potentados regionais do partido (ao menos segundo as falas de Gorbachev e sua omissão nesse sentido) ou mesmo aos quadros antiquados e adeptos do “jeito antigo” e que tinham sua parte da culpa, quanto da absorção das energias do partido para a resolução de problemas administrativos dos mais diversos, como as frequentes requisições de ordens, leis e decisões sobre conflitos entre ministérios e empresas. Para Gorbachev, diminuir a presença do partido significava liberar suas forças para tratar de questões políticas e de planejar linhas gerais para o futuro do país e não ficar completamente comprometido com as pequenas questões administrativas do cotidiano do confuso e intrincado sistema de economia de comando soviético. Desvinculá-lo de preocupações e obrigações econômicas ainda significava isentá-lo da culpa pelos problemas crescentes de abastecimento – o que livrava o próprio Gorbachev, líder supremo do PCUS, de semelhante ônus político, que, ao menos no início de seu mandato, possuía o conhecimento de que todos os louros ou desgraças do regime constituiriam sua imagem e sua memória diante do povo da União Soviética.

“As rédeas estavam frouxas”, ocorria a “debilitação dos instrumentos de poder”²² e redefinir as funções do partido poderia renovar o vigor do centro e da atuação do partido em realizar concretamente suas resoluções políticas. Havia ainda a crescente visão de Gorbachev de que a interferência estatal, fosse na condução da economia, da sociedade ou da administração não era capaz de solucionar problema algum, mas apenas criar novos

²⁰ LEWIN, Moshe. *O fenômeno Gorbachev*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

²¹ GORBACHEV, Mikhail. *URSS: uma nova etapa*. São Paulo: Editora Revan, 1985, p.36-38.

²² GORBACHEV, Mikhail. *Glasnost: a política da transparência*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987a, p.35.

problemas ou piorar os já existentes. A redução do papel do partido era parte da visão de um mundo que sempre é melhor conduzido pelos indivíduos que tem interesses imediatos envolvidos do que por um Estado distante feito árbitro, um mundo no qual os problemas são mais facilmente resolvidos naturalmente, pela “vida” e pela “experiência” do que por atuação de uma rigorosa doutrina político-ideológica. Daí proveio a ideia de que era necessário despertar as instituições políticas eletivas bem como a sociedade, reconhecer a sociedade civil organizada e devolver a autonomia a órgãos que foram cooptados pelo Estado, como sindicatos, clubes, associações, grupos de discussões (pois até aí o Estado se fazia presente por meio de agentes), etc., essa seria a origem das forças sociais que assegurariam o avanço da reforma e que não poderia mais ser revertida, como nas várias tentativas anteriores²³.

Gorbachev também teve que explicar a razão do partido ter passado a ingerir tão diretamente e completamente as demais esferas da vida econômica e social, ou mesmo do cotidiano de cada cidadão, a ponto de ser necessária uma democratização. Essa intromissão do partido foi motivada por “questões da gestão econômica nacional não terem sido resolvidas e de não existir um mecanismo econômico eficaz”²⁴ – o que era a afirmação de que a economia soviética não funcionava e gerava a necessidade de um sistema de arbítrio e comando no qual o partido exercia a vanguarda e que acabou por se espalhar por cada campo da vida soviética. A auto-redução do partido se dava sobre um solo movediço, como afirmava Bertolissi ainda em 1986: uma coisa era democratizar a sociedade (o que estava mais afinado com a *glasnost*) e outra coisa era democratizar o sistema político (a *demokratizatsiya*), de percursos e resultados muito mais imprevisíveis que a primeira. Imprevisível pois não era necessário pertencer a um grupo de dissidentes políticos para formar uma oposição ao regime, mais ainda num ambiente político competitivo. Segundo o autor, Gorbachev deveria ter uma noção do tamanho desses setores passíveis de se tornarem uma oposição através de pesquisas acadêmicas, pois, do contrário, seria um verdadeiro “tiro no escuro”²⁵.

Uma rígida separação de poderes não era uma preocupação essencial para os revolucionários de 1917. Todas as instâncias do Estado e da sociedade deveriam estar a serviço primeiro da Revolução. A separação de poderes não era um tema intocado até a ascensão de Gorbachev ao poder, mas já era alardeada desde os tempos de Brejnev, com o

²³ Além das várias tentativas de reformas sob Kruschchev, mesmo sob o conservador governo Brejnev ocorreram três reformas econômicas que não vingaram. A última, inclusive, ao tentar descentralizar a gestão da economia estatal (um objetivo que Gorbachev também se propôs a realizar), acabou fortalecendo a segunda economia ou a economia cinzenta das trocas (desvios) entre as empresas, sem que o centro econômico pudesse coordenar ou mesmo soubesse onde exatamente estavam os recursos e produtos.

²⁴ GORBACHEV, Mikhail. *Glasnost: a política da transparência*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987a, p.88.

²⁵ MLYNAR, Zdenek (org). *O projeto Gorbachev*. São Paulo: Edições Mandacarú, 1987, p.156.

fortalecimento do judiciário e do legalismo socialista, como a formação do Ministério Público e das novas atribuições dos juízes, que lhes oferecia uma maior autonomia, inclusive contra quadros subalternos do Partido. Isso, entretanto não punha em xeque a situação de inimputável atribuída legalmente e concretamente aos funcionários do PCUS e dos demais partidos no controle dos países do Leste Europeu.

O tema atingiria questões antes impensáveis nos anos Gorbachev e sob sua batuta. Ao mesmo tempo é um dos mais ambíguos ou diferentes em sua aplicação prática do que constavam em seus discursos, principalmente nas questões relacionados ao sistema jurídico. Como a retórica dúbia e o uso de imagens dos textos de Lênin para descrever os objetivos das reformas foram essenciais para que a liderança não entrasse em choque aberto com os conservadores quando estes ainda eram muito fortes e as bases políticas e sociais dos gorbachevistas fossem diminutas, tais tópicos necessitavam objetivamente que fossem as passagens mais nebulosas em seus livros, porém suas propostas foram declaradas como as mais legítimas representantes do verdadeiro leninismo e do que de fato existiu durante a passagem de Lênin pelo poder antes que fossem desvirtuadas nos anos 30. Afinal, tratava-se da própria condução do regime e do poder daqueles que controlavam o país, como exatamente quem o controlaria.

Do partido para o Estado

A questão em torno das disputas entre reformadores e conservadores e das forças centrífugas e centrípetas dentro do partido foram abordadas de diferentes maneiras pelo círculo gorbachevista. Yakovlev, elevado à ideólogo do partido após o expurgo de Ligachev, chegou a aconselhar o secretário-geral, tão cedo quanto 1985, a dividir o PCUS em dois partidos diferentes e instituir no país o bipartidarismo²⁶.

Essas disputas (e a visão das potencialidades do partido) também influenciaram nas mudanças do pensamento do secretário-geral sobre as funções do PCUS. Gorbachev estabeleceu inicialmente que as células do Partido deveriam estimular e mobilizar o povo para as reformas e zelar por elas – o PCUS era a chave para o sucesso²⁷. Portanto o PCUS poderia reformar-se por si mesmo, sem ser necessário um processo de pressão externa pelo resto da sociedade, que só poderia acontecer com a democratização. Depois mudou sua opinião em sentido oposto. O PCUS era um entrave, sua política de quadros era imobilizante, sua direção econômica e social (que em seguida seria alastrada para a sua própria função de vanguarda)

²⁶ BROWN, Archie. *The Gorbachev Factor*. New York: Oxford University Press, 1996, p.194.

²⁷ GORBACHEV, Mikhail. *URSS: uma nova etapa*. São Paulo: Editora Revan, 1985, p.34.

abafava as forças econômicas e sociais que deveriam existir naturalmente, seu papel protagonista previsto em lei impedia a democracia. Se antes o partido devia imprimir movimento às massas, agora era o contrário, e gradativamente, previa-se a total separação entre Estado e Partido²⁸, ao menos nas demais esferas excetuando-se a cúpula onde Gorbachev e seu grupo estavam. Antes falava em novas premissas para a formação e seleção de quadros, novos talentos²⁹, “fator humano”, um arrocho do controle da cúpula sobre os demais níveis do partido, na disciplina, na execução de ordens e na moralidade comunistas como a fonte para a condução da reforma. Posteriormente passou-se a defender o afastamento do partido e a diminuição de suas funções, a efetuar a mudança de seu poder da secretaria do PCUS para o de presidente da URSS, do estabelecimento de esferas de responsabilidade e da “normalização” da vida soviética, que passou a significar a transmissão do poder do Partido, da KGB, do Exército e dos Ministérios para as novas instituições de governo encabeçadas por ele mesmo.

O grande lapso com a realidade no discurso de Gorbachev era afirmar que estava reforçando a autoridade do partido quando ele mesmo passou a transferir seus poderes para as novas instituições do Estado. Isso tornou-se evidente em julho de 1988 com a XIX Conferência Extraordinária do PCUS. Além de ser extraordinária, os relatórios completos de Gorbachev foram atrasados ao máximo. Essa estratégia serviu para atordoar os conservadores e negar-lhes um tempo mínimo para organizarem sua resistência. Regulamentou-se os mandatos, em que todos os funcionários do Estado e partido com cargos eletivos deteriam suas cadeiras por cinco anos, com direito a uma reeleição e, se obtivessem uma ampla maioria, um terceiro mandato. Criou-se um poder executivo individualizado. A democratização avançaria sobre os “direitos fundamentais” como liberdade de expressão, imprensa, consciência, reunião, manifestação pública, educação religiosa, inviolabilidade domiciliar ou de correspondência e chamadas telefônicas, fundar um “Estado socialista de Direito” – o que implicava a admissão de que a URSS ainda não atingira essa situação, como a garantida ou mesmo o reconhecimento desses direitos básicos³⁰.

Até então o cargo de presidente que havia na URSS, ocupado por Kalinin, Malenkov e Kossiguin, era um cargo vinculado ao Estado, mas não era o de chefe de governo e menos ainda o de Estado, mas o de presidente do conselho de ministros. Com a criação do

²⁸ GORBACHEV, Mikhail. *Glasnost: a política da transparência*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987a, p.11.

²⁹ Afinal, só com a vacância pela morte dos gerontocratas apareciam novos cargos dirigentes para dar vazão a nova geração política. Podiam surgir novas cadeiras pela própria expansão numérica do aparato e da máquina administrativa, mas isso muito bem poderia resultar em um posto decorativo, onde não restava muito mais o que fazer do que dizer sim as resoluções ou a inatividade da velha guarda.

³⁰ GORBACHEV, Mikhail. *A proposta*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1988c.

poder executivo na figura do presidente da União Soviética, ganhou liberdade para nomear o primeiro-ministro, determinar medidas econômicas e sociais, dirigir a política externa e a defesa nacional – resoluções que antes só podia tomar de comum acordo com os demais membros do Politburo, da liderança colegiada. Brown afirma que desde 1988 ele pretendia abolir futuramente o artigo 6 da Constituição de 1977, que previa o papel protagonista do PCUS³¹. Em outubro do mesmo ano comandou uma reunião às pressas (anunciada apenas na véspera) do Comitê Central que, fosse outro líder político que procedesse dessa forma, seria tachado de golpista. A reunião teve uma hora e um único discurso – o seu próprio, em que expurgou 1/3 dos membros plenos do Politburo, o antigo ideólogo do PCUS, Ligachev, e o chefe da KGB, Chebrikov, de uma só vez. Segundo Gorbachev, tais medidas eram necessárias diante da “ameaça de retrocesso da *perestroika*”³².

Que alterações nas relações entre partido e Estado faziam parte dos pensamentos de Gorbachev desde sua ascensão ao poder central, poder-se-ia perguntar em que momento ele decidiu passar das ideias para a ação política e transferir seu poder de um para o outro. O menor dos fatores talvez não tenha sido sua visita aos Estados Unidos em dezembro de 1987 para assinar os tratados INF de desarmamento. Os grupos pertencentes à mídia conservadora americana o acusaram de uma irrelevância moral, mesmo para a assinatura de tratados de paz, uma vez que se tratava apenas do chefe de partido político e não possuía atribuições da esfera do Estado. Esse tema era espinhoso tanto para sua diplomacia sustentada pela *gorbymania* entre os setores pacifistas das sociedades ocidentais, como para a credibilidade do discurso de que a URSS passava por uma “normalização”, um aproximamento às características naturais de qualquer Estado, ou mais objetivamente, de uma inflexão em direção aos países capitalistas desenvolvidos. Se o país estava ingressando no círculo das nações democráticas, seu líder não poderia ser um burocrata da administração partidária.

Uma marca do seu processo de democratização foi o acúmulo de cargos e funções em sua pessoa. Isso era frequente desde os tempos de Stalin³³, mas é raro em nações que passam por um processo parecido. Gorbachev não juntou o cargo de presidente do conselho de ministros ao de secretário-geral do PCUS, como seus antecessores, até o ano de 1988 (com o expurgo de Gromyko), mas reuniu também poderes ao se tornar presidente da URSS e presidente do Soviet Supremo reformulado, do novo corpo legislativo do país. As

³¹ BROWN, Archie. *The Gorbachev Factor*. New York: Oxford University Press, 1996, p.194.

³² Veja, 05/10/1988, nº 1048, p.44.

³³ Stalin foi ao mesmo tempo secretário-geral do PCUS, ministro da Defesa, presidente do Comitê de Defesa Estatal e presidente do Soviete Supremo.

discussões sobre as atribuições do novo cargo de presidente da nação atravessaram os anos de 1989 e 1990. Debatia-se entre um modelo adequado ao federalismo que Gorbachev dizia defender, com poderes diluídos (ao qual ele mesmo se opunha) e outro, baseado na V República Francesa, com um chefe de Estado forte e com o poder centralizado na figura do presidente (o qual defendia). O resultado final foi um acúmulo de poderes formais no cargo de presidente maior do que os que Stalin possuía, também oficialmente. Entre outras leis, foi aprovada a punição para quem criticasse o presidente da URSS³⁴. Entretanto, as constantes mudanças nos poderes da União levaram a revisão do sistema político nas repúblicas que formavam a URSS. Os poderes dos presidentes das repúblicas eram fortalecidos pelos soviets locais, em detrimento e conflito abeto com o poder constitucional do novo presidente da União.

O poder dos soviets

O principal veículo da democratização do sistema político soviético foi a alteração das normas dos pleitos nacionais para o Congresso dos Deputados do Povo e do Soviete Supremo, e locais, dos soviets municipais e das repúblicas e das responsabilidades desses diferentes organismos, descentralizando as decisões antes tomadas pelas camadas intermediárias do partido a partir de Moscou. Eleições concorridas não eram algo novo nas democracias populares. Eram a norma em boa parte do Leste Europeu (com seu sistema de frentes partidárias), como na China atual (entre candidatos do PCCh). A primeira tentativa de reforma política deu-se ainda em fevereiro de 1987, porém as propostas de Gorbachev não passaram pelo crivo dos deputados no Comitê Central, que decidiu alterar seu texto para que se conformasse com o consenso dentro do partido. O que era até então uma (na prática raríssima) forma de democracia intrapartidária e de relação entre os estratos inferiores e superiores do partido foi considerada por Gorbachev um ato de rebeldia, indisciplina e de oposição à democracia. O secretário-geral ameaçou renunciar ao cargo caso seu programa não fosse aprovado. Sua reforma só passou, já ampliada, com a XIX Conferência do PCUS, de 1988.

No início a descentralização do poder era vista de uma maneira estritamente instrumental, a serviço da eficiência econômica através da fiscalização dos poderes locais e não mais na longínqua Moscou. Segundo Gorbachev, as repúblicas e os organismos locais precisavam de responsabilidades e poderes maiores para “livrar-se o mais rápido possível da

³⁴ Veja, 21/03/1990, 120.

ideia de que podem viver às custas dos outros”³⁵. Em 1986, com o relatório ao XXVII Congresso do PCUS, começou a defender a diferenciação entre Partido e Estado e a delimitar de fato os poderes reais do governo, suprimindo seu poder não oficial, abusivo ou ilegal. Disso dependia a emergência da esfera dos direitos cívicos, com salvaguardas eficientes contra arbitrariedades cometidas por autoridades. Em 1987 a razão para a democratização também era um meio e não um fim em si mesmo. Ela serviria como lastro pra sustentar as reformas, para impedir um refluxo ou mesmo o fracasso e sua total reversão, quebrando e impedindo a inércia do aparato³⁶. Era a forma de se evitar que as mudanças ficassem confinadas a cúpula e não tivessem nem ressonância, nem bases sólidas. Não ter mobilizado as massas para a crítica ao sistema foi o grande erro de Krushev³⁷.

A reforma jurídica e do Judiciário eram fundamentais para as garantias das liberdades da democratização. Um de seus atos foi a criação de uma Comissão de Constituição e Justiça para analisar e fiscalizar as profundas reformas na Constituição de 1977 e um novo Supremo. Também nesse campo Gorbachev teve uma imagem progressivamente alterada. Se no início falava em adaptações das leis, passou a falar na criação de um Estado de Direito socialista e em uma legalidade socialista, para falar, a partir de 1989 apenas em Império das Leis, Estado de Direito e legalidade.

A União Soviética teria passado por dois grandes períodos de ilegalidade: o stalinismo e a Era da Estagnação. Caberia a criação de uma legalidade quando ela não existisse, ou era tímida e insuficiente. Dever-se-ia passar da definição do que não é crime para a limitação do que o é, de se agir conforme o que se manda para agir de qualquer forma desde que não se proceda contra a lei³⁸. Ou como disse em 1988, “tudo é permitido, a não ser que seja proibido pela lei”.

Para Gorbachev, o funcionamento do sistema político soviético dentro do “modelo antigo” e das instituições e órgãos como os sovietes locais, o Soviete Supremo (dividido em Soviete das Nacionalidades e Soviete da União) ou o Comitê Central do PCUS baseava-se na imposição de comandos de cima para baixo. A cúpula decidia e os órgãos

³⁵ GORBACHEV, Mikhail. *URSS: uma nova etapa*. São Paulo: Editora Revan, 1985, p.23. A ideia de que as nações do Cáucaso e da Ásia Central sugavam os recursos das repúblicas eslavas, em especial da Rússia, era difundida dentro de algumas camadas da sociedade soviética. Com o tempo tornou-se um fator importante para o nacionalismo e o separatismo.

³⁶ GORBACHEV, Mikhail. *Glasnost: a política da transparência*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987a.

³⁷ GORBACHEV, Mikhail. *Perestroika: novas ideias para o meu país e o mundo*. Tradução J. Alexandre. São Paulo: editora Best Seller, 1988, p.62-63.

³⁸ GORBACHEV, Mikhail. *Perestroika: novas ideias para o meu país e o mundo*. Tradução J. Alexandre. São Paulo: editora Best Seller, 1988, p.121-125.

eletivos apenas ratificavam as decisões³⁹. O líder da URSS havia incorporado e disseminado, ou reconhecido e oficializado, as opiniões ocidentais que indicavam um sistema ditatorial no país. A tirania passada, mais que uma ditadura pessoal, era uma ditadura da burocracia, que governava despoticamente, silenciando as massas ou os escalões inferiores do partido. Em seu governo, o país estaria “passando de novo pela escola da democracia. Estamos aprendendo. Ainda nos falta cultura política”⁴⁰.

A história dos soviets teria sido a história do judiciário e dos demais organismos de Estado: foram paulatinamente sufocados e ocupados pelo partido, perderam sua vida, sua atividade, sua iniciativa. O poder passou dos soviets para as sedes regionais do partido. Foram burocratizados e ocupados por tecnocratas. Mais do que uma imposição do partido para a subserviência, os sindicatos se acomodaram ante os administradores econômicos e diretores de empresas e trustes, abandonando conscientemente a defesa dos trabalhadores⁴¹. “alcançar uma proporção correta entre a direção política por parte do partido e o papel ativo dos órgãos de Estado, sindicatos e outras organizações sociais”⁴².

Sua intenção inicial era a de uma “democratização dentro das instituições existentes”⁴³:

Uma das missões importantes da campanha eleitoral e de balanço consiste em reforçar a direção, pelo PCUS, dos soviets, sindicatos, Komsomol, de outros elos do nosso sistema político e de todo o desenvolvimento da democracia soviética⁴⁴.

Ou ainda, “não se coloca na ordem do dia qualquer tipo de desmantelamento do nosso sistema político”⁴⁵. Mas a partir de 1987-88 alterou sua meta e, de uma forma ou outra, o que se vislumbrava era a destruição do antigo “*modus operandi*”. Manteria-se a forma, porém o conteúdo seria diverso. A manutenção das mesmas denominações tradicionais servia para atenuar o impacto das grandes transformações do novo corpo legislativo e do poder descentralizado do país. Gorbachev tentou excluir do poder e da administração os escalões intermediários. Sua nova estrutura previa uma cúpula, que ele presidiria, e os escalões inferiores, sem mediação alguma. Chutar a escada que ligava ambos acreditando

³⁹ GORBACHEV, Mikhail. *Glasnost: a política da transparência*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987a, p.94.

⁴⁰ *Perestroika: novas ideias para o meu país e o mundo*. Tradução J. Alexandre. São Paulo: editora Best Seller, 1988, p.82-83; 92.

⁴¹ *Perestroika: novas ideias para o meu país e o mundo*. Tradução J. Alexandre. São Paulo: editora Best Seller, 1988, p.125-131.

⁴² GORBACHEV, Mikhail. *Glasnost: a política da transparência*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987a, p.115.

⁴³ MLYNAR, Zdenek (org). *O projeto Gorbachev*. São Paulo: Edições Mandacaru, 1987, p.109.

⁴⁴ GORBACHEV, Mikhail. *URSS: uma nova etapa*. São Paulo: Editora Revan, 1985, p.38.

⁴⁵ GORBACHEV, Mikhail. *Glasnost: a política da transparência*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987a, p.59.

numa relação direta e de disciplina automática contribuiu muito para a perda da autoridade e a ingovernabilidade. As discussões inusitadas que derrubaram vários tabus no Congresso dos Deputados do Povo e no novo Soviet Supremo foram descritas por ele: “nunca vimos nada parecido durante quase seis décadas”.

Bases e finalidades econômicas da democratização

A primeira menção em seus discursos de que a democracia no ambiente de trabalho augurada por Brejnev e Andropov deveria ser ampliada (mas sem definir qualquer horizonte ou meta mais específica além de prever que ela não deveria se restringir ao local de trabalho)⁴⁶ apareceu em seu relatório do XXVII Congresso do PCUS, em março de 1986. A falta de democracia asfixiou o desenvolvimento econômico e social do país, por décadas. “Pela experiência prática de muitos anos, sabemos que o regime socialista só se desenvolve com êxito quando o próprio povo dirige de fato seus assuntos”⁴⁷. Esses “muitos anos” começavam com o início das distorções do regime, ainda nos anos 30.

Segundo Rita di Leo, que acompanhou em 1986 as discussões de reforma política e jurídica em Moscou, Gorbachev e os círculos acadêmicos que o aconselhavam percebiam que:

a democracia não pode ser imaginada sem formas administrativas e executivas estáveis (...); a distinção entre as esferas legislativa, administrativa e executiva do poder passou a ser conveniente também para a experiência soviética (...); os interesses específicos das diversas classes, estratos e grupos sociais devem ter alguma forma de representação política⁴⁸.

O papel do partido era o mais vago dos debates. A aplicação “do Estado de direito ao Estado soviético é, na realidade, uma opção pela restrição das tarefas do partido” e “transforma em especulação a teoria ortodoxa, marxista e leninista, sobre a extinção do Estado e o fim da política”. “A suposição geral é que a eficácia das formas político-autoritárias características do sistema soviético já esteja exaurida”, o que teria gerado uma crise de governabilidade da liderança junto às massas e o aparato. As “formas jurídico-estatais” ampliadas sobre as formas “político-autoritárias” seriam o meio de se controlar o fluxo do dinheiro dentro do Estado, da imposição de leis iguais para todos, de limitar a emissão e revogação de normas ministeriais e locais, de se ter o controle sobre os administradores através dos soviets. O termo autogoverno, “*samoupravlenie*”, ocuparia o

⁴⁶ GORBACHEV, Mikhail. *A URSS rumo ao século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Revan, 1986a, p.79.

⁴⁷ GORBACHEV, Mikhail. *A URSS rumo ao século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Revan, 1986a, p.80.

⁴⁸ MLYNAR, Zdenek (org). *O projeto Gorbachev*. São Paulo: Edições Mandacarú, 1987, p.187.

lugar do antigo “sistema político do socialismo desenvolvido”. Isso devia-se a crença de total desgaste do governo, que invés de reformado, deveria ser trocado pela democracia direta, dentro dos sovietes reformulados e das fábricas. “A palavra de ordem do *samoupravlenie* significa, nas intenções do novo secretário, o fim dos compromissos e dos acordos informais da época anterior”, “mas para romper velhos equilíbrios, era preciso golpear quem os sustentava”, os ministérios, ministros, dirigentes locais⁴⁹.

Nos anos iniciais de seu governo, muito mais que “democratização” se ouvia a palavra “disciplina” em seus discursos. Existe um aparente paradoxo entre os termos disciplina/democratização. Para Gorbachev não se tratava de um conflito, mas de uma necessária relação de fortalecimento mútuo. “Crescem as exigências e melhora a disciplina”. Ela seria o propelente para a autogestão das fábricas. “A prioridade [...] é a promoção da democracia na produção”. O mercado seria um importante gerador da democratização, já que o sistema de cooperativas privadas “é democracia econômica”⁵⁰. A “democracia socialista” estava intimamente ligada à propriedade, na medida que uma de suas funções principais era a de fazer os trabalhadores se sentirem donos das fábricas. Posteriormente a vinculação econômica prosseguiu, nas palavras de Yakovlev, como a necessária existência da propriedade individual para o usufruto e preservação da liberdade⁵¹.

A partir de 1987-88 seu plano estratégico anterior foi abandonado. Agora afirmava: “Democratização: nossa principal reserva”⁵² – em 1986, no XXVII Congresso do PCUS, a principal reserva para o sucesso das reformas e sua necessária adesão popular era a melhoria imediata no abastecimento através do uso do “fator humano” e da plena capacidade produtiva das indústrias já implantadas. Havia passado do imediatismo para a espera do médio prazo na solução dos problemas da URSS. A democracia fortaleceria os laços entre o partido, o plano e os trabalhadores. Ela suprimiria o hiato entre o crescimento econômico e desenvolvimento social e da renda da população, que solapava o desenvolvimento ao gerar uma onda de desinteresse. Acabaria com a “cristalização” e a “fossilização do pensamento”, liberando-o das amarras do passado.

As medidas reformistas criaram situações contraditórias ao se chocar com a realidade soviética – o que gerou a impressão no círculo gorbachevista de que todo o edifício

⁴⁹ MLYNAR, Zdenek (org). *O projeto Gorbachev*. São Paulo: Edições Mandacaru, 1987, p.188-190.

⁵⁰ GORBACHEV, Mikhail. *Glasnost: a política da transparência*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987a, p.45; 60; 63.

⁵¹ YAKOVLEV, Alexander. *O que queremos fazer da União Soviética: o pai da perestroika se explica*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1991.

⁵² GORBACHEV, Mikhail. *Perestroika: novas ideias para o meu país e o mundo*. Tradução J. Alexandre. São Paulo: editora Best Seller, 1988, p.116.

do sistema teria que ser implodido se quisessem que as reformas fossem bem sucedidas. Com as eleições nas fábricas, ao invés da indicação ministerial para o cargo de diretor, esperava-se que a classe média de técnicos tomasse o controle das empresas, como havia ocorrido na Iugoslávia de autogestão titoísta. Porém os técnicos e especialistas “não querem empenhar-se contra as burocracias ministeriais para introduzir novas técnicas, e depois arriscar-se a não serem eleitos pelo coletivo de trabalho”⁵³.

Em seus primeiros anos de governo, promovia a defesa tanto de uma democracia social (que reconhecia já consagrada pelo sistema soviético, mas como um vazio no Ocidente) quanto de uma nova democracia real ou política, numa corrida contra o atraso político diante do Oeste. Posteriormente abandonou a primeira noção para abraçar exclusivamente a segunda. O que antes era visto como democracia social e parte fundamental de qualquer regime genuinamente democrático, passou a ser concebido como problema econômico e causa da ineficiência do sistema soviético.

O novo poder econômico e político dos soviets das repúblicas, com os caciques políticos locais transformados em presidentes das repúblicas e dos soviets, do executivo e do legislativo, contribuiu muito para tornar a URSS um país em que todos queriam “ninguém governava, ou melhor, ninguém mais obedecia”⁵⁴. Se os crescentes poderes presidenciais ainda estavam em discussão no Soviete Supremo, não havia impedimento moral ou legal para os presidentes das repúblicas fazerem o mesmo com seus poderes em seus territórios. Se antes eram as esferas do partido que não respondiam aos comandos, agora também eram as esferas estatais, ansiosas por abocanharem o poder político num quadro de caos e incerteza legal.

Uma das justificativas de Gorbachev para reformar os soviets era a de querer pôr em prática a Constituição de 1977, retirá-la da situação de letra morta, de um faz-de-conta dos conservadores. O que se deu foi uma mudança brutal na mesma constituição, a ponto de se tornar algo inteiramente diferente, mesmo do ponto de vista formal.

A democratização da sociedade

Os movimentos sociais e a organização da sociedade civil reconhecida oficialmente, tornar-se-iam uma forma de pressão sobre as autoridades, compelidas a adotar as reformas gorbachevistas. Não se imaginou que abalar a imagem do partido através dessa

⁵³ MLYNAR, Zdenek (org). *O projeto Gorbachev*. São Paulo: Edições Mandacaru, 1987, p.193.

⁵⁴ HOBBSAMW, Eric J. *Era dos extremos: o breve século XX*. Tradução Marcos Santarrita. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.469.

crítica ainda assim o atingiria. Mobilizar a crítica contra os escalões médios deveria é tê-la afastada de sua pessoa, como temia em 1986, ao afirmar que a imagem do secretário-geral que passará para a história é a que a população forma tendo por base sua melhora ou piora das condições de vida.

A liderança via um quadro de grave crise social irrompendo se as reformas liberalizantes não fossem rapidamente aplicadas. Era o medo da “polonização”⁵⁵, do alastramento do ambiente polonês. O meio de debelar esse perigo, segundo Gorbachev, seria trazer para dentro do sistema essas autônomas e clandestinas opinião pública e sociedade civil em formação. Os órgãos e grupos de participação civis deveriam ser convidados a tomar parte na condução do poder local como forma de arcar com a responsabilidade e repensar a atuação do partido diante dos desafios enfrentados, antes que resolvessem tomar por si mesmos as rédeas do poder. Permitir-se-ia a crítica pública e aberta da sociedade como amortizadora dos conflitos e de sua pressão em acúmulo.

Como os expurgos se demonstraram uma medida pouco eficiente, essa pressão externa ao Partido e ao Estado era essencial para romper com a força e a inércia do aparato. Tampouco a campanha para agitar as massas em torno da defesa dos ideais reformistas se confirmou eficaz. Tais energias deveriam estar contidas na democratização social e política⁵⁶. Ocorreu então a tentativa de liberar e cooptar (e muitas vezes incentivar ou mesmo fundar, como as associações de rock ligadas ao Estado) os grupos sociais e movimentos dissidentes e de reivindicações em direção ao apoio à *perestroika* e ao ataque contra os conservadores. As eleições nos coletivos de trabalho e nas fábricas⁵⁷, sindicatos, associações (como a associação e o sindicato dos diretores de cinema⁵⁸), clube das mães, grupos juvenis ligados ou não ao

⁵⁵ Conforme LÉVESQUE, Jacques. *The enigma of 1989: the USSR and the liberation of Eastern Europe*. Berkeley: University of California Press, 1997. A URSS já se encontrava engajada no Afeganistão desde 1979 pelo temor de que a nova liderança de Hafizullah Amin afastasse o país da órbita soviética, o aproximando de seus inimigos americanos. Em 1982 o Pacto de Varsóvia efetuou grandes manobras militares próximas à fronteira polonesa como um sinal para que o novo governo do general Wojciech Jaruzelski resolvesse sozinho o caos econômico e social resultante das greves convocadas pelo sindicato independente Solidariedade. No entanto, mesmo a reformista Hungria de János Kádár estava longe de qualquer postura antissoviética. A rebelde Romênia de Nicolae Ceaușescu terminara sua aproximação com a Inglaterra e os EUA após a rodada de embargos lançados pelos novos governos neoconservadores, procurando reforçar os laços econômicos e políticos com a URSS.

⁵⁶ GORBACHEV, Mikhail. *O poder dos soviets*. Rio de Janeiro: Editora Revan, 1988b.

⁵⁷ Era uma tradição dos países comunistas os grupos de discussão dentro das fábricas e associações estatais. Um líder indicava tópicos de interesse e o debate se desenvolvia. A crítica que se fez na Era Gorbachev era a de que não eram verdadeiras discussões. As pessoas se auto-silenciavam sobre seus problemas e concordavam exteriormente com o discurso oficial, mesmo não crendo nele.

⁵⁸ Cedo alguns grupos começaram a testar os limites da democratização nas associações. O sindicato dos diretores de cinema elegeu ao crítico Elem Klimov para primeiro-secretário, ainda em 1986. Ao mesmo tempo que uma chefia desagradável aos olhos dos conservadores, Klimov não deixava de cumprir e propagar as novas ordens emanadas da liderança renovada no Kremlin. BOOBYER, Philip. *Conscience, dissent and reform in Soviet Russia*. Milton: Routledge, 2008, p.186.

Estado, como o Komsomol, eram parte fundamental no processo da *demokratizatsiya*. O secretário-geral precisava sinalizar seu apoio a tais grupos, se quisesse ganhar seu apoio e confiança. Todos os dissidentes políticos foram soltos entre 1986 e 1988. Tal ato garantiu a adesão crítica da liderança moral dos dissidentes, na pessoa de Sakharov (uma vez que, se pedia apoio às políticas de Gorbachev, não deixava de pedir mudanças muito mais profundas rumo a uma ocidentalização ou modernização do país), e o fim de um importante instrumento de pressão econômica, diplomática e de propaganda dos Estados Unidos sobre a União Soviética, acerca da questão dos direitos humanos.

Mas rapidamente esses movimentos se demonstraram mais difíceis de direcionar do que se supunha⁵⁹. Quando não partiram contra a própria *perestroika*, seus efeitos, seus objetivos e seu ritmo. Como guiar operários apavorados com as novas demandas no trabalho, com a forma na qual os diretores foram eleitos na prática ou com as metas de fechamento e venda de empresas estatais em conjunto com a classe média que queria uma radicalização imediata das reformas? A reação negativa de Gorbachev diante das frentes populares e de seus “comícios monstros”, ainda no fim de 1987, comprova tal situação⁶⁰. Nesse ponto reside um certo desejo difuso da concretude do totalitarismo, do poder absoluto do Estado. Ou, no mínimo, a crença ideológica na engenharia social por parte de Gorbachev. Como a maioria dos revolucionários desde o fim do século XVIII, acreditava-se que a sociedade poderia ser facilmente remodelada segundo alguns princípios comungados pelos reformadores, que os consideravam tão naturais que, uma vez retirados os bloqueios artificiais impostos pelas leis e pelas tradições, o mundo se reorganizaria automaticamente. A *glasnost* e a *demokratizatsiya* deram vazão às opiniões políticas e também aos preconceitos sociais. Algumas questões que o círculo gorbachevista considerava trivial em 1986, como o renascimento do nacionalismo com as novas liberdades concedidas, demonstraram-se nevrálgicas.

Conclusão

A *demokratizatsiya*, vindo do alto ou por baixo, só poderia ser liberada pelo alto, de dentro do partido, “como sempre – como era de fato inevitável, em vista da estrutura

⁵⁹ ROBERTS, Adam. *Civil Resistance in the East European and Soviet Revolutions*. The Albert Einstein Institution, 1991; VOLKOGONOV, Dmitri. *Os sete chefes do Império Soviético*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

⁶⁰ GORBACHEV, Mikhail. *Perestroika: novas ideias para o meu país e o mundo*. Tradução J. Alexandre. São Paulo: editora Best Seller, 1988.

dos Estados comunistas -, a reforma veio de cima, isto é, de dentro do partido”⁶¹. Gorbachev liberou as forças contidas e ocultas da sociedade, que de outra maneira permaneceriam assim ou até que, pouco provavelmente, eclodissem como o esperado fenômeno da polonização, acreditando que poderia domá-las de acordo com seus objetivos.

Como Gorbachev pôde imaginar um transcurso tão tranquilo para a reconstrução das bases de seu país? Ele necessariamente precisava julgar alguma ação parecida. O modelo escolhido era o da Espanha recém-saída do franquismo, do estatismo, com um forte aparato de segurança interna (a Brigada Político-social), de uma sociedade sem grandes transformações desde a industrialização na virada do século XIX para o XX (e talvez aí residia o maior erro de avaliação e comparação da liderança soviética). Mesmo abrigando comunidades e identidades regionais distintas, isolada diplomaticamente, e mesmo um atuante grupo terrorista desde 1959, conseguiu efetuar uma transição pacífica e controlada rumo a uma integração econômica e social com o resto do continente, era comandada por um “atualizado” partido socialista confirmado pelas urnas, e foi guiada nesse sentido por um chefe com amplos poderes conferidos pelo regime anterior (que, em tese, não teria, portanto, desejo de desmantelar): o rei Juan Carlos II. Os mesmos objetivos de Gorbachev para a URSS, e uma situação política similar.

Segundo Gorbachev, a reforma eleitoral, com multi-candidaturas, eleições contestadas e com liberdade de indicação de candidatos promoveriam uma representação real, o fortalecimento do centralismo democrático e a disciplina⁶² – os resultados reais foram totalmente inversos. Cálculos gritantemente errados e o intrincado sistema soviético proporcionavam emaranhados que serviram para a perda gradativa do controle da situação por parte de Gorbachev, por mais que este tivesse a crença contrária. Como foi o caso dos sem partidos e a ascensão das frentes populares como um verdadeiro partido concorrente do PCUS. Ao permitir candidatos livres a partir do pleito de 1989 para os soviéticos uma antiga lei dos tempos de Stalin serviu para minar perigosamente o poder do partido: previa-se que, além do candidato escolhido pelo PCUS, se apresentassem candidatos “sem partido” (o que inexistia na prática sob o regime stalinista). As diferentes frentes populares, vinculadas a exigências ecológicas, trabalhistas ou nacionalistas puderam emplacar seus candidatos e a constituir-se não oficialmente em um partido político em igualdade de condições com o PCUS. Gorbachev se viu a braços com adventícios do mundo político que, se o apoiavam ao

⁶¹ HOBBSAMW, Eric J. *Era dos extremos: o breve século XX*. Tradução Marcos Santarrita. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.388.

⁶² GORBACHEV, Mikhail. *Glasnost: a política da transparência*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987a, p.69.

se opor aos conservadores, não eram facilmente manobráveis nas demais questões. A questão em torno do pluralismo, que já existia, converteu-se em foco das atenções dos políticos egressos ao Kremlin.

O pluralismo político foi inicialmente identificado com o fim oficial do monolitismo partidário. A liderança política reconheceu que existiam vários interesses diferentes dentro da sociedade, o que inviabilizaria a imagem do partido como reflexo da vontade popular⁶³. Para se aproximar desse objetivo o partido precisaria se desdobrar para atender e reconhecer essas diferentes demandas⁶⁴. Primeiro falava-se em pluralismo, depois em democratização política, e por fim, em democracia liberal burguesa ou a única e verdadeira democracia e o multipartidarismo.

Quando as reivindicações se mostraram mais variadas, agressivas e polarizadas, Gorbachev se sentiu ainda mais tentado a trocar o partido pelo Estado. A essa altura as novas estruturas do Estado não possuíam tempo suficiente para enraizar-se e exercer de fato o poder legal conferido. Seguiu-se a perda do controle da situação e o refluxo da democratização. Se o povo fosse de fato ouvido, planos de choque econômico como o Plano dos 500 Dias jamais teriam deixado a mesa do presidente da URSS. A fraqueza do governo para implementar tal plano diante da oposição popular (insatisfeita com um racionamento desconhecido desde o fim da Segunda Guerra, inflação, desemprego, colapso dos serviços sociais, confisco da poupança em um dos planos econômicos de Gorbachev) fez com que promovesse o afastamento dos personagens que o aconselharam a promover a *glasnost* e a *demokratizatsiya* ao mesmo tempo que se procedesse com uma reconstrução econômica e uma redistribuição da propriedade (como os ocidentalizadores Shevardnadze ou Yakovlev) e procurasse apoio entre aqueles que poderiam proporcionar a aplicação das resoluções do poder central a todo custo: os conservadores antidemocráticos.

A essa altura, o início de 1991, esse campo político já havia se dividido em várias facções, como partidos da ordem (defensores do autoritarismo) ou partidos da guerra (contra as repúblicas separatistas). Para essas agremiações já não importava o sistema, capitalismo ou socialismo, mas a sobrevivência da ordem em meio ao caos social, de segurança pública e econômico. Seus expoentes, entretanto, eram figuras que permaneceram ligadas ao PCUS, como o general Gromov, Pavlov ou Pugo. Tais partidos possuíam apoio de segmentos populares, uma vez que pregavam o retorno ao passado sem gangues, tumultos e quebra-quebras – identificados por eles como fruto da democratização. Um outro tipo de

⁶³ GORBACHEV, Mikhail. *O poder dos soviets*. Rio de Janeiro: Editora Revan, 1988b.

⁶⁴ MLYNAR, Zdenek (org). *O projeto Gorbachev*. São Paulo: Edições Mandacaru, 1987, p.110.

orientação política era a dos partidos populistas e neoliberais, alinhados a Yeltsin, Popov e Sobchak. A ordem que desejavam implantar era a ordem estritamente econômica e uma paz social adequada à redistribuição da propriedade estatal entre alguns grupos políticos e sociais⁶⁵. Poucos acreditavam que as reformas poderiam progredir concomitantemente com a democratização. Pelo contrário. Agora deveriam seguir caminhos opostos.

As liberdades não foram apenas concedidas. A partir de um ponto, os manifestantes e grupos da sociedade a arrebataram. Em 1987 a KGB ainda prendia grupos de protesto público, como os “*refuseniks*”. Até 1990 vários locais eram fechados às manifestações pela polícia. Em 1991 as estátuas e símbolos do regime caíram sob a pressão de manifestantes e de guindastes de prefeituras alinhadas politicamente com Yeltsin, como Moscou, Leningrado ou Sverdlovsky, sua cidade natal. Eleições pra presidente das repúblicas foram feitas em apenas três meses, entre seu anúncio e a votação nas urnas. Plebiscitos pipocaram pelo território do país, tentando aumentar a legitimidade de governantes eleitos pelo voto ou criá-la, para os que não passaram pela prova das urnas, como o próprio Gorbachev.

O grau de colapso moral e político e de degradação econômica e de expectativas frustradas teria obrigatoriamente que ser expresso de alguma forma. Se não existissem as estruturas republicanas, outras seriam inventadas, da mesma forma que identidades foram criadas rapidamente como forma de ter alguma esperança diante da crise (ou de justificativa para o egoísmo do clima de “salve-se quem puder” que tomou conta do país a partir de 1990), e da ação de políticos e militantes que usavam os estratos subterrâneos e adormecidos de antigos regionalismos e nacionalismos, dentro do quadro de mudança revolucionária de posições. Se em setembro de 1989 os alemães orientais queriam mudar a Alemanha Oriental, depois de novembro desejavam ser apenas alemães⁶⁶. Os bielorrussos que jamais tiveram um estado nacional para além de cidades estados e ducados independentes e fragmentários na Alta Idade Média, criaram uma identidade, ou ao menos votaram contra permanecer naquele Estado em que se encontravam, ao elegerem um separatista para presidente.

No início de 1991 Yakovlev, fazendo um balanço dos resultados das ações do círculo gorbachevista, dizia que ainda não existia um Estado de Direito ou democracia verdadeira na URSS. Por isso a *demokratizatsiya* era “confundida com o direito de fazer

⁶⁵ KAGARLITSKY, Boris. *A desintegração do monólito*. São Paulo: Editora UNESP, 1993.

⁶⁶ ASH, Timothy. *Nós, o povo: A Revolução de 1989 em Varsóvia, Budapeste, Berlim e Praga*. São Paulo: Cia da Letras, 1990.

qualquer coisa”, o que tornava “impossível construir um verdadeiro Estado civilizado, habitado por cidadãos civilizados”⁶⁷. Em termos mais polidos, Gorbachev também compartilha da visão de seu assessor de que a população soviética não estava preparada para a democratização. O maior problema residiria nesse fato, e não na forma como esse processo foi encaminhado.

Com as reformas de Gorbachev e o fim da URSS e do socialismo realmente existente, o processo de democratização ganhou ímpeto mundo afora. Ditaduras tornaram-se uma raridade na Europa entre as décadas de 1980-2010, no Terceiro mundo recuaram rapidamente no mesmo período. Por décadas, regimes autoritários perderam seu principal fator de legitimação – o medo das consequências políticas e militares de um mundo bipolar. O próprio espaço soviético, no entanto, não se enquadrou tão bem no processo. Boa parte da população dos países bálticos foi segregada politicamente por sua ascendência étnica e linguística russa; ditadores se estabeleceram confortavelmente na antiga Ásia Central soviética; regimes autoritários pró ou anti-Rússia perpetuaram-se no poder (o mesmo governo georgiano mantém-se no poder desde 2003, e na Bielorrússia desde 1994); ou então regimes titubeantes incapazes de manter a unidade territorial. O fechamento do regime fornece às potências ocidentais alguns argumentos para colocar em questão a democracia na Rússia⁶⁸. O próprio Gorbachev ainda hoje é execrado na região.

⁶⁷ YAKOVLEV, Alexander. O que queremos fazer da União Soviética: o pai da *perestroika* se explica. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1991, p.72-73.

⁶⁸ SEGRILLO, Ângelo. *De Gorbachev a Putin: a saga da Rússia do socialismo ao capitalismo*. Curitiba: Prismas, 2015.